

*Labirinto de perguntas para o
acolhimento e cuidado crítico a
mulheres mães em conflito social*



Juliana Haruko Tobara de França

Prof.^a. Dr.^a. Érika Alvarez Inforsato

***Labirinto de perguntas para o
acolhimento e cuidado crítico a
mulheres mães em conflito social***

Labirinto de perguntas para o acolhimento e cuidado crítico a mulheres mães em conflito social

Juliana Haruko Tobara de França

Produto, processo e ação técnico-social apresentado à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências

Programa de Mestrado Profissional Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social

Área de concentração: *Terapia Ocupacional, Contextos Comunitários e Inclusão Social*

Orientadora: *Prof.^a. Dr.^a. Erika Alvarez Inforsato*

2025

Universidade de São Paulo Reitor:

Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Faculdade de Medicina Diretora:

Profa. Dra. Eloisa Silva Dutra de Oliveira Bonfá

Vice-diretor: Prof. Dr. Paulo M. Pêgo Fernandes

Realização:

Programa de Mestrado Profissional Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social.
Faculdade de Medicina - Universidade de São Paulo

Coordenação e elaboração de conteúdo:

Juliana Haruko Tobara de França

Erika Alvarez Inforsato

Diagramação:

Juliana Haruko Tobara de França

Imagens

Inteligência Artificial - IA (ChatGPT-4.5 OpenAI © 2015–2025)

Imagem da capa

Criação da imagem pela autora com suporte de IA (ChatGPT-4.5 OpenAI © 2015–2025) destacando a configuração de uma mulher perdida em um labirinto.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 3.0 Brasil.

Esta licença permite compartilhar, remixar, adaptar e criar a partir do material para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito.

Sumário

| | | |
|-----------------------------------------|----|----|
| 1. | 5 | |
| 2. | 7 | |
| 2.1. Saber-fazer pelo fazer: | | 9 |
| 2.2. Cuidado e Justiça: | | 10 |
| 2.3. Idealização da maternidade: | | 11 |
| 3. | 10 | |
| 4. | 12 | |
| 5. | 14 | |
| 6. | 15 | |
| 7. | 15 | |
| 8. | 15 | |
| 9. | 15 | |
| 10. | 16 | |
| 10.1. | 16 | |
| 10.2. | 17 | |
| 10.3. | 19 | |
| 10.4. | 21 | |
| 10.5. | 22 | |
| 10.6. | 23 | |
| 11. | 26 | |

1. APRESENTAÇÃO

Esse Labirinto de Perguntas é produto da prática profissional de uma terapeuta ocupacional no cuidado a mulheres que têm suas maternidades em conflitos sociais, construído no processo de pesquisa no Programa Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional - FMUSP.

Durante a pesquisa, observou-se que as mulheres-mães, sobretudo aquelas identificadas sob marcadores sociais de pobreza e racialidade, tem suas maternidades atravessadas por uma produção incessante de questionamentos moralizantes sobre suas vidas inscrevendo-as num lugar de mulheres e mães questionáveis. Esse produto propõe uma inversão: produzir questionamentos que desloquem, exclusivamente das mães e incidam sobre os conflitos sociais, considerados enquanto problemas coletivos não individuais, saindo do registro único da falta de condição individual das mulheres.

A ideia é reconhecer esses conflitos que submetem essas mulheres a um julgamento que, no âmbito de alguns serviços de saúde e assistência, parte diretamente do judiciário e se reproduz em diferentes contextos, seguindo lógicas moralizadoras e assumindo variadas formas, em uma avalanche que busca determinar se certas mulheres podem ou não exercer sua maternidade.

A construção desse labirinto foi ao encontro dos impasses que se apresentam em perguntas diante de vulnerabilidades sobrepostas que atravessam os exercícios de maternidade em conflitos sociais relacionados à: ausência de rede de apoio e de responsabilidade paterna; questões de raça, gênero e classe social; e histórico ou usos de certas SPA que, inseridos em um contexto de idealização das maternidades, formam uma trama complexa que transborda e, em geral, as culpabilizam de forma exclusiva. Aqui reúnem-se os questionamentos que atravessaram a sustentação desse processo de cuidado e foram organizados de modo a produzir uma sensação labiríntica: para onde essas perguntas nos levam?

O objetivo é colaborar para a construção de uma postura profissional afirmativa e crítica indicando caminhos profissionais acolhedores e que desloquem de capturas sociais que são estruturais em nossa sociedade.

2. CONCEITOS ENVOLVIDOS

O conjunto dessas perguntas pode ser localizado na relação com alguns conceitos que, no processo da investigação, se destacaram para pensar as situações de referência para a construção das narrativas.

2.1. Saber-fazer pelo fazer:

(...) implicados estamos todos em qualquer atividade de produção de conhecimento. Daí a necessidade de fazermos sempre a análise das implicações (Eirado; Passos, 2014, p.117)

Há uma proposta de criação de um espaço de escuta e afirmação para experiências de maternidade na qual é imprescindível a análise das implicações para o sustento de uma postura aberta às múltiplas afetações que exige um estado atento para deixar-se afetar pelas experiências sem capturá-las. Desta forma, da experiência com meu exercício enquanto pesquisadora e terapeuta ocupacional de modo implicado, a proposta desse produto quer trabalhar com essa noção como um modo de reconhecer e manejar essa implicação para outros profissionais.

Foucault entende o acontecimento como a irrupção de uma singularidade única e aguda, a emergência de uma singularidade e, ao mesmo tempo, uma ruptura de evidências. O que, dependendo da postura do pesquisador, permite uma abertura para o novo, o acontecer. (Mendes et al, 2016 p.1742).

Entende-se que coletivizar e encontrar comuns formam lugares de existência, partilha e diferenças; ampliam possibilidades que antes não existiam, abrir-se ao inédito dos acontecimentos inaugura possibilidades no mundo para que a diferença se afirme.

Neste encontro, produz-se novos sentidos que trazem os desejos, as histórias, os limites, saberes e não-saberes. Produz-se também uma “política da escrita” em sintonia com a “política de pesquisa” que deve incluir as contradições, os enigmas, as tensões e as dúvidas. (Mendes et al, 2016, p.1743).

Para tanto, pretende-se formar um espaço de análise que seja um exercício de desmanche de um lugar de mãe identitário ao abrir-se para o que cada experiência inaugura na maternidade a partir da colheita de narrativas/experiências.

“Aqui, a experiência é entendida como “um saber-fazer, um saber que vem, que emerge do fazer”, indissociado o conhecer e o fazer. (Mendes et al, 2016, p.1741) inscrevendo essa discussão no campo da TO.

2.2. Cuidado e Justiça:

Cuidado e justiça, como propõe Donna Haraway (2021), são “palavras que trazem ressonâncias diferentes” e que se juntam e se separam em pontos de emergência para ações sociais e políticas.

falar sobre cuidados [...] inclui justiça, no sentido de uma atenção aguda à desigualdade, ao equilíbrio para viver bem, para lidar com crimes, verdadeiros crimes contra o mundo, crimes contra a terra, crimes contra a humanidade, crimes contra indígenas, contra trabalhadores, contra mulheres... a questão da violência doméstica e do feminicídio [...] A noção de justiça é realmente crucial para pensar bem sobre esses dilemas. Acho que preciso da noção de justiça para alcançar e abordar estruturas de injustiça e violência. Preciso dos cuidados como uma forma de nutrir e ajudar a florescer e a construir condições para a continuidade com alegria, para viver e morrer com alegria uns com outros. [...] essas ideias precisam uma da outra, elas se fundamentam de tal maneira que uma contém a outra: a justiça real inclui o cuidado e o cuidado real implica a justiça. Mas cada uma traz à tona diferentes aspectos do que precisa ser feito. (Haraway, 2021, p.14).

Avessa a essa compreensão do cuidado e da justiça, a experiência coletiva na instituição de saúde demonstrava um cuidado justiceiro, que se apressava em moralizar negativamente os funcionamentos daquelas mulheres, e aplicar sobre elas estratégias protocolares para livrar-se dos problemas. Ficar com os problemas não parece admissível numa configuração de tratamento à saúde, o que contradiz o próprio dinamismo de um processo de saúde.

São desafios na construção de cuidado que considerem um fazer micropolítico, interessado nos acontecimentos de cada existência, singularmente, em relação ao entorno no qual se inscreve. No âmbito das questões da pesquisa foi possível pensar que os profissionais

de saúde podem tomar essa proposta de produção de cuidado com essas mulheres e não reiterar o julgamento sobre se elas são mães inviáveis ou viáveis.

Trazer o micropolítico é trazer os lugares onde as existências furam os muros institucionais, conectando relações com o fora, que é constitutivo dos processos; processos estes intensamente produtores de novos sentidos no viver e no conhecimento. É trazer o lugar dos processos de encontros e suas atualizações das relações de poder. É trazer a micropolítica do encontro e a produção viva das redes de conexões existenciais, multiplicidades em agenciamento. (Merhy et al., 2016, p.34)

Nesse sentido, a proposta de trabalhar com essas noções é fortalecer estratégias de cuidado em Terapia Ocupacional (TO) que acompanhem a produção dos pequenos gestos cotidianos que constituem as maternidades a partir da experiência de pensamento e corpo, de conhecimento nos modos de fazer. Como essas mulheres fazem suas maternidades? Sair/ deslocar das urgências das demandas judiciais (em prazos, julgamentos, termos jurídicos, etc) para acompanhar processos da vida (cartografia). Essa abordagem permite deslocar o cuidado de uma perspectiva na qual há um saber técnico/científico pressuposto do profissional de saúde e um lugar passivo do paciente/ usuário que produz uma hierarquia e um sentido único do cuidado: do profissional da saúde para o usuário. Pensa-se no cuidado sustentado por uma composição de saberes mútuos que acontece a partir desse encontro, sem imposição de condutas ou paralisias em julgamentos, mas buscando afirmação dos inéditos a partir da abertura para afetar-se pelas singularidades e fazê-las compor o processo de cuidar. Com isso, é importante estar sensível para reconhecer que em cada encontro algo se cria, muda; que há uma movência que não se acomoda em um saber, um discurso ou uma verdade; um percurso que busca habitar uma zona de partilha, que traz o desconhecido como resultado do processo quando se tenta saber de antemão o que irá acontecer.

O cuidado seria uma via de mão dupla senão múltipla (...) e “envolveria a produção de uma ação técnica (uma consulta, uma visita domiciliar, um grupo terapêutico, um curativo, por exemplo) no âmbito de um campo afetivo, político, da história, um conhecimento prático” (Casetto et al, 2019, p.132)

2.3. Idealização da maternidade:

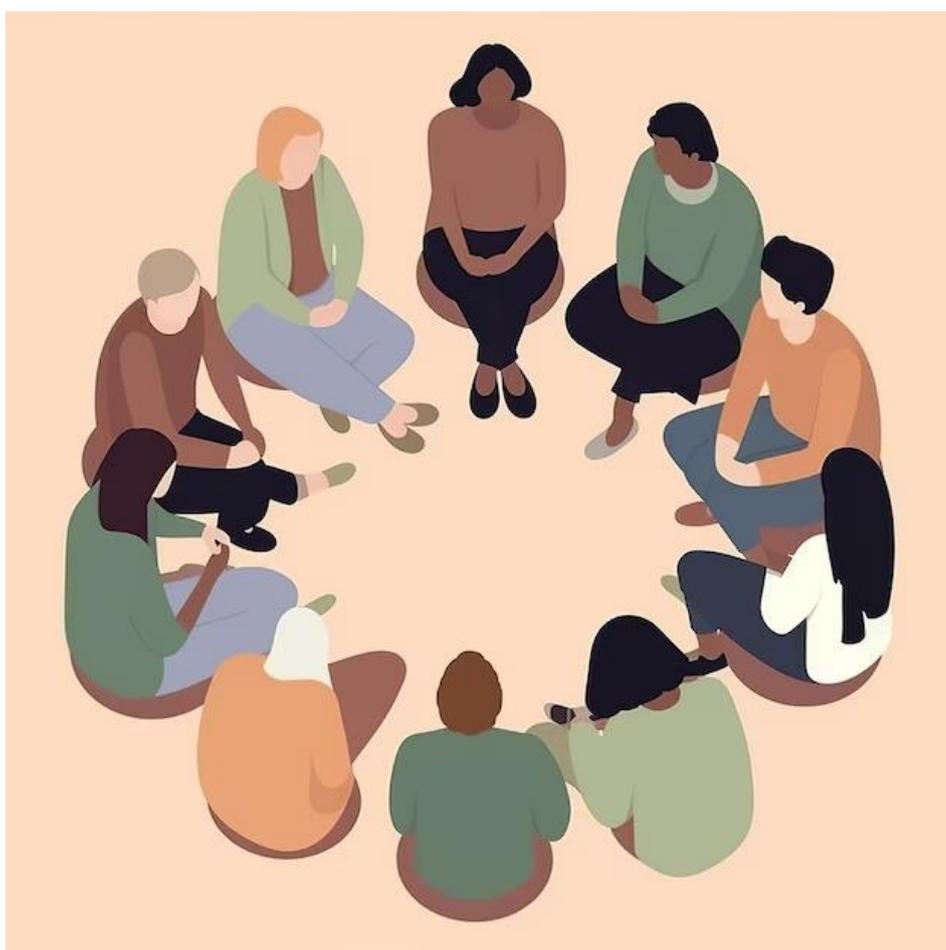
Papéis sociais, vocação e abdicação

Vivemos um ponto de inflexão no qual a maternidade idealizada, que não corresponde às necessidades e possibilidades das crianças, desemboca numa geração desassistida. Para a questão perene sobre o cuidado com as próximas gerações, nossa sociedade responde com o modelo anacrônico baseado na inteira responsabilização das mulheres - resposta que já era insustentável no passado e que agora tende ao colapso. (Iaconelli, 2023, p.30)

A sobrecarga materna das produções sociais advindas desses ideais se acentua e ganha força de devastação na relação com mães que têm suas singularidades em conflito com o campo social. Há marcadores que representam antíteses à maternidade idealizada, como: pobreza, histórico ou uso de certas substâncias psicoativas (SPA), raça dentre outros. Já o gênero vem com a expectativa dessa maternidade, independente do desejo: basta ser mulher para ser vista como aspirante à maternidade. Porém, não são todas as mulheres que são consideradas capazes. A atenção a essas noções, numa perspectiva crítica, modifica a disposição para o trabalho com essas mulheres, e considera atravessamentos que ultrapassam os domínios do trabalho em saúde ou assistência, sobretudo aquele realizado diretamente com cada história, e inscreve esses problemas num território ético e político mais amplo.

3. OBJETIVO DO PRODUTO

Contribuir com situações (rodas de conversa; cursos de atualização; momentos formativos; reuniões clínicas; supervisões institucionais entre outras) de preparação e sensibilização de profissionais do cuidado e da assistência para um cuidado crítico e sensível às mulheres mães em conflito com o campo social.



4. METODOLOGIA

A proposta se organizou pelo método da cartografia, considerando a importância de acompanhar processos e produzir um plano de sustentação para ficar com os problemas. Assim, juntei as muitas perguntas feitas ao longo desse percurso de pesquisa, ajustei sua escrita para ampliar sua assertividade e organizei em 6 tópicos:

- O momento da chegada;
- Para apresentação de histórias em reuniões de equipe: ampliar os elementos de análise;
- O cuidado a mulheres mães;
- Terapia Ocupacional em seus processos de cuidado;
- Maternidades e uso de substâncias psicoativas (SPA);
- Construções Labirínticas e as questões invisíveis e inviabilizantes.

Em cada tópico há perguntas que, engendradas por um cuidado em TO, acompanharam, deram movimentos em momentos de paralisia e fortaleceram uma ação de cuidado. No trajeto do estudo encontrei mais perguntas que respostas e refinei as formas de fazê-las. Esse exercício foi transposto para a criação desse produto, oferecendo as perguntas para colaborar com uma formação para o cuidado que possa sustentar e pluralizar caminhos diante de situações complexas, que parecem sem saídas, sem possibilidades diante de realidades com predomínio de aspectos de controles social e judicial em detrimento dos aspectos clínicos e de cuidado.

Considerando o quanto as maternidades são postas em dúvidas, mas não em dúvidas potentes, dúvidas de aniquilação da sua existência enquanto mães, em extremos de julgamentos nos quais todas as pistas apontavam para o não, a sua maternidade não serve, o convite aos profissionais, a partir desse labirinto de perguntas, é o de sustentar a potência da dúvida, não a de fazer certo ou errado, mas a de fazer com, de cuidar das precariedades, não enquanto impossibilidades, mas como algo a se pensar e acompanhar. Os julgamentos já estão postos. Importa dispor de procedimentos que preparem a atuação para pensar o que e como se pode desmanchá-los compor com essas mulheres, encontrá-las, escutá-las, ficar com elas?

Nessa experiência de estudo, essas questões ajudaram a delinear um produto para o mestrado o fazendo reverberar esse modo de trilhar um caminho profissional, nutrido por

questões que também desloquem outros profissionais para uma composição de cuidado compartilhada, na relação com as histórias de vida tramadas cotidianamente, sustentando um olhar atento, para como essas mulheres se fazem mães em um lugar afirmativo. Sim, apesar das tentativas de inviabilizá-las, essas maternidades seguem se fazendo.

Assim, cada um dos tópicos organiza um conjunto de questões para serem utilizadas em situações de formação e interlocução profissional. Podem ser usados sequencialmente, ou de modo destacado, conforme a necessidade identificada pela coordenação.

5. DESENVOLVIMENTO

As perguntas produzem deslocamentos que ampliam fatores de análise e desviam de simplificações que culpabilizam para as precariedades vivenciadas nessas histórias, as próprias mulheres mães. Além de aprofundar a busca e encontros com perspectivas afirmativas no contato com as produções maternas cotidianas das histórias, esse caminho pode se configurar potente pois, permite, no encontro com essas mulheres mães:

- acompanhar as narrativas cotidianas de suas maternidades em seus fazeres;
- testemunhar sua feitura em uma postura afirmativa;
- dar corpo a sua existência.

São propostas que, escritas assim, parecem simples, mas, diante dos desafios que se apresentaram podem ser revolucionárias, pois, as forças para anular, subjugar e colocá-las em dúvida são sempre muito intensas e devastadoras.

Em um fluxo de pensamentos e ações testemunhando, acompanhando e cuidando dos fazeres dessas mulheres os questionamentos tomaram formas e se apresentaram em sequência, como se uma pergunta puxasse a outra, pontualmente diante de situações absurdas, como se as perguntas fossem pontos de exclamação; perguntas respostas; perguntas dúvidas.

Desta forma, apesar de serem perguntas elas tem diferentes sentidos, mas se apresentam assim para sustentar uma abertura ao processo, para bagunçar as certezas sustentadas em valores sociais arriscados para a existência da maternidade dessas mulheres e que nos guiam para caminhos repetidos, já sabidos ao se basearem, apenas em moralização, idealizações e não considerarem questões de gênero, raça e classe social, elementos que compõem a nossa subjetividade e transversalizam nossos processos de cuidado e que se não estivermos atentos a nossa ação profissional, facilmente, se verticaliza para um julgamento materno com essas marcas.

E é com essa postura afirmativa e crítica que esse produto intenciona construir uma prática profissional que se revê na medida em que acontece no encontro. Uma contribuição em TO para nos colocar em questão e potencializar uma abertura para ir de encontro àquilo que as pessoas fazem, como elas fazem e porque fazem em uma postura curiosa, interessada e cuidadosa.

6. APLICABILIDADE, DESTINO E/OU SUGESTÕES SOBRE UTILIZAÇÃO

Esse produto destina-se a profissionais que atuem em serviços que tenham como seu público mulheres no exercício de suas maternidades. Sugere-se que seu uso seja feito em momentos formativos e de interlocução entre profissionais, para pensar desde o momento inicial da chegada dessa mulher ao serviço e todo o seguimento do acompanhamento delas nos processos de cuidado. Em um acompanhamento da ação profissional de forma a se colocar em análise, sustentando uma prática em complexidade. Não há uma ordem. Tendo em vista sua complexidade, o acompanhamento a essas mulheres suscitam muitas questões em diferentes contextos profissionais.

Limites da aplicabilidade

Aquele ou aqueles que assumirem a coordenação das situações de preparação e sensibilização em relação ao cuidado de mulheres mães em conflito social precisam dispor-se a manejar esse labirinto de perguntas, sem conduzir a respostas já previstas, sustentando o não saber e a problematização. Esse conjunto de questões não terá aplicação interessante em situações de determinações prévias sobre a maternidade e as mulheres, sejam de ordem religiosa, de gênero, de raça e/ou de classe social.

Abrangência (internacional, nacional, regional ou local)

Abrangência local.

Disponibilização

O material será divulgado através das redes de profissionais da saúde e da assistência em TO.

7. QUESTÕES E CONTEXTOS

10.1. O momento da chegada

Não se trata apenas de narrativa, é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira. Material poroso, um dia viverei aqui a vida de uma molécula com seu estrondo possível de átomos. O que escrevo é mais que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida. (Clarice Lispector – A hora da estrela, p.13)

Se o espaço estiver totalmente ocupado por nós, nossas “técnicas” e modos de fazer esse momento inicial não se faz encontro, mas prescrição. Buscaremos encaixar as narrativas em territórios conhecidos e controláveis tornando as narrativas imóveis e previsíveis que chegarão aonde queremos para que façamos aquilo que sabemos fazer.

Exercícios para abrir espaço para que afetos possam se dizer e para escavar, no cotidiano do trabalho e da vida, acontecimentos que insistem em germinar. (Lima; Machado; Inforsato, 2022, p.5).

O que essa mulher tem a dizer? Quais os entendimentos que ela constrói?

O que ela faz, como ela faz e por quê?

Quais outras dimensões aparecem em sua fala, para além da maternidade?

Como essa mulher cria sua existência em seus possíveis?

Como cuidar sem prescindir do encontro?

10.2. Para apresentação de histórias em reuniões de equipe: ampliar os elementos de análise

quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso. (Chimamanda Ngozi Adichie, 2019)

O enfoque nas precariedades desconsidera os caminhos de formação da maternidade dessas mulheres. Daí a necessidade, que salta no momento de acolhimento delas nos serviços, de deslocá-las da captura do julgar (encerrando as experiências nelas mesmas) e como profissional de saúde, tentar habitar com elas um lugar de cuidado em relação às suas demandas e não só com as exigências judiciais que compõem o cenário. São desafios na construção de cuidado que considerem um fazer micropolítico, interessado nos acontecimentos de cada existência, singularmente, em relação ao entorno no qual se inscrevem. No âmbito das questões dessa pesquisa, foi possível pensar que os profissionais de saúde podem tomar essa proposta de produção de cuidado com essas mulheres e não reiterar o julgamento sobre se essas mulheres são mães inviáveis ou viáveis. Desta forma, tanto para conduzir o acolhimento quanto para ser porta voz de histórias em discussões de equipe seguem algumas questões para ampliar nossa criticidade:

Quais elementos das histórias escolhemos narrar/contar em uma reunião de equipe?
Como e por que os escolhemos?

A que escolhemos dar visibilidade e o que ocultamos em nossas narrativas? Por quê?

Quais histórias afirmar e quais costuras fazer?

Quais escutas essas histórias vão encontrar? E o que elas vão mobilizar?

Como podemos fazer uma composição entre precariedades e potências em nossas narrativas?

O que atravessa a vida dessas mulheres?

Quais elementos atravessam, compõem e decompõem as maternidades dessas mulheres: há uma rede de apoio? Há uma autonomia financeira dessa mulher (vive de

aluguel ou casa própria, tem emprego ou recebe benefício)? O genitor dos filhos se faz presente? Se sim, de quais formas?

Ao identificar os elementos citados acima eles passam a compor sua prática clínica, ou viram elementos que as mulheres, em suas ações individuais, precisam “superar”?

Meu papel enquanto técnica em um serviço de saúde e assistência é reafirmar a falta de condições dessa mulher exercer sua maternidade ou pensar em como criar condições para que ela a exerça?

A minha escuta a essa mulher mãe se coloca como uma verificação movida pela pergunta: essa mulher tem condições ou não de ser mãe?

Nos atendimentos consigo estar em um encontro com aquilo que aquela mulher quer me contar ou só com aquilo que eu quero ouvir?

Quando o conflito social pode ser encarregado ao social?

10.3. O cuidado a mulheres mães

Vivemos um ponto de inflexão no qual a maternidade idealizada, que não corresponde às necessidades e possibilidades das crianças, desemboca numa geração desassistida. Para a questão perene sobre o cuidado com as próximas gerações, nossa sociedade responde com o modelo anacrônico baseado na inteira responsabilização das mulheres - resposta que já era insustentável no passado e que agora tende ao colapso. (Iaconelli, 2023, p.30)

A sobrecarga materna das produções sociais advindas desses ideais se acentua e ganha força de devastação na relação com mães que têm suas singularidades em conflito com o campo social. Há marcadores que representam antíteses à maternidade, como: pobreza, histórico ou uso de certas substâncias psicoativas (SPA), raça dentre outros. Já o gênero opera idealizações sobre o papel da mulher, acentuado pela maternidade, além de vir com a expectativa de maternidade, independente do desejo: basta ser mulher para ser vista como aspirante à maternidade. Porém, não são todas as mulheres que são consideradas capazes.

Porque julgar a mãe vem em primeiro lugar?

Todas as suas prioridades de uma mulher giram em torno de sua maternidade?

Porque o comportamento da mulher e seu número de filhos é mais importante que a ausência do Estado?

Como essas maternidades acontecem/resistem?

Quais modos de exercer a maternidade são postas em dúvida?

Como criar viabilidades e pluralizar as formas de maternar?

É possível dar voz a essas mulheres? E o que elas dizem encontra lugar de acolhimento ou julgamento?

E se essas mulheres mães recebessem apoio (enquanto rede, financeiro, em seus cuidados, dentre outros) antes do julgamento?

Essas mulheres podem ser mães possíveis?

Como fortalecer seus modos de existir nesse contexto no qual seu modo de exercer a maternidade foi considerado algo que não serve?

É na figura da mãe que incide o provimento de todas as necessidades de uma criança?

Como essas mulheres atravessam campos tão inóspitos e criam resistências diante de forças que tentam anulá-la?

Essas mulheres têm condições de corresponder ao que lhes é exigido?

Qual o mínimo para que uma mulher exerça sua maternidade?

Que falta de condições são essas que impedem uma mulher de cuidar de seus filhos?
Quem as determina?

Como cuidar das mulheres mães atravessadas por tantos impedimentos?

Uma mãe que perde a guarda de seus filhos sempre quer reavê-la?

O trabalho de cuidado é exclusivamente da mulher?

O que elas entendem que precisam?

O que essas mulheres sabem fazer tem valor?

Tudo que essas mulheres constroem é duvidoso?

Como as mulheres podem afirmar aquilo que ela é e não correr atrás daquilo que querem que ela seja?

Como criar viabilidades, pluralizar as formas de maternar?

10.4. Terapia Ocupacional em seus processos de cuidado

uma terapia ocupacional interessada em descrever formas de intensificar a polifonia, a participação em situações comuns, nos fazeres que compõem o cotidiano da esfera social da vida, numa abordagem menos personalista e mais sistêmica do fazer. Essa dimensão coletiva, de busca de semelhanças no fazer ao invés de diferenças no ser ou no estar, de positivities coletivas, ao invés de negatividades individuais, demanda um deslocamento na prática da terapia ocupacional ao reconhecer que, de um modo ou de outro, se vive em sociedade e que a dimensão participativa e social da vida pública não é redutível à esfera individual e privada dos padeceres quotidianos. (Ghirard, 2012, p. 19)

Quais dispositivos em TO são acionados por essa prática junto a mulheres mães?

Por quais conceitos transitar para afirmar dizeres em TO?

O que se produz no encontro entre uma TO e maternidades?

Como elas fazem suas maternidades cotidianamente?

O que essas mães fazem, como fazem e porque fazem?

Como podemos nos relacionar e sustentar problemas complexos?

O que podemos fazer e não fazer?

Quando o limite na abordagem individual de um conjunto de problemas pode ser evidenciado pelo não fazer, de modo a deflagrar a urgência do movimento social, da construção política entrar em ação?

Quando o conflito social pode ser encarregado ao social?

Como podemos sustentar nossa possibilidade de ação diante de situações tão precárias?

10.5. Maternidades e uso de substâncias psicoativas (SPA)

Um desafio a ser superado sobre a compreensão/intervenção do/no campo dos usos de substâncias psicoativas (SPA) é a separação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais que influenciam, simultaneamente, a tendência de alguma pessoa vir a utilizar a SPA. Embora haja o reconhecimento do valor de outras abordagens, há, ainda, uma hegemonia atribuída aos estudos sobre as SPA, desenvolvidos no âmbito que trata dos seus aspectos biológicos. Abordagens sociais continuam a desempenhar papel de coadjuvantes no debate público sobre a questão das substâncias psicoativas (FIORE, 2013 apud Alves, 2016 p.443)

As mulheres usuárias de drogas fogem ao duplo padrão esperado de mulher e de mãe. São alvo de estigma social e julgadas como promíscuas e incapazes de cuidar da família e dos filhos (Bolzan, 2015, Silva, 2005), além de serem vistas como irresponsáveis e egoístas (Cruz, 2012). Sendo assim, a questão das mães usuárias de drogas vem mobilizando o debate em torno da melhor forma para ofertar ajuda. (Meandro, 2019, p.4)

Quais as variáveis que interferem nos exercícios das maternidades de mulheres que tem a marca do uso de SPA?

O que leva o uso de SPA a ser um dos principais motivos de acolhimento institucional de crianças e adolescentes? Ele é o principal motivo?

O que se considera 'dependência por drogas ou álcool'?

Em casos de acolhimento institucional, qual apoio que essas famílias recebem no sentido de criar condições para que essas crianças retornem para casa?

O uso de SPA inviabiliza quais maternidades?

Porque o medo do uso de SPA choca mais que a vulnerabilidade de alguém que tangencia situações de não ter o que comer?

É melhor negar o acesso a direito para evitar o uso de SPA?

Decide-se a possibilidade de uma mulher exercer sua maternidade por seu comportamento sexual?

Ela pode estar de um jeito que seja entre um cuidado integral de 24h para um aos finais de semana como muitos pais podem?

10.6. Construções Labirínticas e as questões invisíveis e inviabilizantes.



Quem vai buscar minha filha na escola se eu conseguir um trabalho?

Quem fica com meus 4 filhos depois da escola se estou trabalhando?

Quem vai ficar com ela quando não tiver aula ou ela adoecer?

Como vou alugar uma casa melhor sem emprego?

Alguma das respostas não incidiu sobre a mãe?

Se sim, temos o início de um caminho.

Se não constrói-se mais um muro no labirinto.

Como acolher essas questões e pensar em criar condições diante desses impasses?

[Considerações Finais]

Construir essa problematização, na dissertação de mestrado e nesse produto, na forma de um Labirinto de Perguntas, colocando a ação profissional em questão, firmou uma abertura potente num movimento de ir ao encontro daquilo que essas mulheres fazem, como elas fazem, por que fazem e acompanhar as tramas nas quais esses fazeres estão implicados em uma postura curiosa, interessada e cuidadosa.

Sustentar uma abertura para retomar os acompanhamentos dessas mulheres em suas atividades, e poder deslocar de lugares de saberes prévios foi um trajeto que permitiu destacar pistas para uma construção de cuidado em Terapia Ocupacional, ensaiando saídas, não no sentido de soluções, mas de construção de sentidos múltiplos e moventes, que podem contribuir para o campo da TO e de suas extensões na relação com as maternidades.

É fundamental manter um estado constante de reflexão crítica sobre as práticas profissionais e suas inserções no mercado. Esse processo de problematização ajuda a sustentar e dar consistência às ações, por meio de produções discursivas críticas. No campo da Terapia Ocupacional, os pontos de emergência e desenvolvimento do conhecimento e da prática geram tensões conceituais. Reafirma-se, com isso, uma prática em TO complexa, acolhendo sua produção de diferenças e questionando a hierarquização dos conhecimentos que fixam categorias de conhecimentos verdadeiros e falsos tendo por base uma ciência branca e masculina.

Para não cair em uma reiterada sensação de ineficiência profissional que representou um lugar arriscado, pois, na tentativa de encontrar justificativas para as tantas insuficiências engendradas pelos elementos citados podemos criar lógicas que acabam por reduzir a ação técnica a discursos de culpabilização.

Da experiência da pesquisa foi possível pensar também que a incessante sensação de “não ter o que fazer” que acompanha a atuação profissional com mulheres-mães, muitas vezes, no momento em que se faz aguda, torna-se um movimento de transferir essa sensação para as mães, pois as mesmas já chegam culpabilizadas. É preciso estar atenta aos riscos para não ser dominada por eles.

A proposta desse produto orienta-se a contribuir para uma postura afirmativa e crítica na construção de uma prática profissional que se revê na medida em que acontece, encontrando caminhos profissionais acolhedores e que desloquem de capturas sociais que são estruturais em nossa sociedade. Não há a intenção de dizer o que é certo ou errado, mas, considerar que, a partir do encontro se produz algo entre profissionais e pessoas atendidas. Esse pensamento é precioso para firmar posturas assertivas em relação à TO, produzindo uma inversão potente:

ao invés da contestação do valor das produções em TO poder questionar as bases onde se fundam esses valores e transformá-las, em outras composições.

Muitas dessas maternidades acontecem sob condições adversas. A proposta não é negar as adversidades, mas considerá-las enquanto problemas sociais e não individuais. Sair do registro único da falta de condição das mulheres, pois no meio de situações precárias há uma energia circulante, arranjos que produzem vida, desejos que sustentam histórias.

O enfoque nas precariedades desconsidera os caminhos de formação da maternidade dessas mulheres. Daí a necessidade, que salta no momento de acolhimento delas nos serviços, de deslocá-las da captura do julgar (encerrando as experiências nelas mesmas) e como profissional de saúde, tentar habitar com elas um lugar de cuidado em relação às suas demandas e não só com as exigências judiciais que compõem o cenário. São desafios na construção de cuidado que considerem um fazer micropolítico, interessado nos acontecimentos de cada existência, singularmente, em relação ao entorno no qual se inscreve.

Esse Labirinto de Perguntas quer contribuir no sentido de pensar que os profissionais de saúde podem tomar essa proposta de produção de cuidado com essas mulheres e não reiterar o julgamento sobre se são mães inviáveis ou viáveis, resistindo aos funcionamentos sociais predominantes.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves TM, Rosa LC dos S. Usos de substâncias psicoativas por mulheres: a importância de uma perspectiva de gênero. REF [Internet]. 2016 Jun 21 [citado 2024 Jul 15];24(2):443-62. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/44594>

Adichie C.N., O perigo de uma história única, Autora, Editora: Companhia das Letras, Ano: 2019, ISBN: 9788535932539.

Assis SJ. Prefácio. In: Labate BC, Goulart SL, Fiore M, MacRae E, Carneiro HS. Drogas e cultura: novas perspectivas. 2008 [citado 2024 Fev 19]. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001683261>

Casetto S, et al. O cuidado não existe modos diversos de cuidado na atenção básica em saúde. In: Pesquisar com os pés: deslocamentos no cuidado e na saúde. Santos, São Paulo: Hucitec; 2019. Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

Fernandes C. “Mães nervosas”: um ensaio sobre a raiva entre mulheres populares. In: Pesquisas sobre família e infância no mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Telha; 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2023.39.e22400>.

Ghirardi M. Terapia Ocupacional em processos econômico-sociais. Cad Ter Ocup UFSCar. 2012;20(1):17-20. doi:10.4322/cto.2012.002.

Guedes MEF. Gênero, o que é isso? Psicol Cienc Prof [Internet]. 1995;15(1-3):4-11. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931995000100002>

Haraway, D. Ficar com o problema [entrevista]. (Trad. Ana Luiza Braga, Caroline Betemps, Cristina Ribas, Damián Cabrera e Guilherme Altmayer). Pandemia Crítica. São Paulo: N-1 edições, 2021.

IACONELLI, V. Manifesto antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução. Rio de Janeiro: Zahar, 2023. 253 p.

LIMA, E.M.F.A; MACHADO, A.M; INFORSATO, E.A. A Escrita como Agenciamento: Explorando Linhas de Minoração. Educação em Foco, [S. l.], v.25, n.47, 2022.

LISPECTOR, C. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998

Menandro LMT, Garcia MLT, Uliana RS da S. A PERDA DA GUARDA DE FILHOS: A VOZ DAS MULHERES, MÃES E USUÁRIAS DE DROGAS. *Psicol Soc* [Internet].

Mendes R, Afonso MLM, Souza ER. Promoção da Saúde e Participação: Uma Revisão de Literatura. *Saúde Soc.* 2016;25(4):1739-1755.

Merhy EE, Macruz LC, Feuerwerker L. Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes. Rio de Janeiro: Hexis; 2016. p. 34.

2019;31:e210798. Available from: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31210798>